

Memórias, identidades e pertencimento de um grupo de moradores da comunidade do Fallet, bairro de Santa Teresa, cidade do Rio de Janeiro

Silvana Bagno¹
Sérgio Luiz Pereira Silva²
Diana Souza Pinto³

Resumo

Partindo da escuta das memórias de um grupo de idosos, moradores em uma favela do bairro de Santa Teresa, Rio de Janeiro, Brasil, e da literatura sobre favelas, constata-se que o discurso, o qual recai sobre estas, sempre foi discriminatório e que o termo *favelado* continha forte conotação pejorativa. Este artigo tem por objetivo apresentar o senso de pertencimento e de *sentido de lugar* atribuído pelos antigos moradores, a partir de suas narrativas, memórias e experiências. Entrevistados em grupos focais, os descendentes dos primeiros habitantes desta localidade relatam que vivenciaram transformações importantes ao longo dos anos. Há, em suas narrativas, uma forte identificação com o lugar, e, através delas, eles vêm se construindo discursivamente como *homens-memória*, empenhados em difundir os *lugares de memória*, atualmente presentes apenas em suas lembranças (NORA, 1993). Nelas, vislumbra-se um intuito de resgatar, dignificar e difundir a *identidade deste lugar* como uma comunidade que possui inúmeros recursos humanos e culturais.

Palavras-chave: identidades; pertencimento; memórias; comunidade.

Introdução

O presente artigo é fruto da pesquisa realizada no âmbito do doutoramento em Memória Social, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com o objetivo de investigar a produção de memórias e a construção compartilhada de identidades dos moradores do Fallet. Através de suas narrativas, o trabalho tem o intuito de verificar como a memória produz sentidos que orientam tanto as escolhas do presente como as expectativas do futuro.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Bolsista da CAPES.

² Professor adjunto III do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; professor efetivo do Programa de Pós-graduação em Memória Social - PPGMS/UNIRIO

³ Professora associada I da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), atuando como pesquisadora e docente no Programa em Pós-Graduação em Memória Social - PPGMS/UNIRIO.

As investigações, a que esta pesquisa se propôs, almejam igualmente conhecer em que medida e de que maneira as transformações ocorridas no Fallet, ao longo dos anos, podem ter repercutido no sentimento de pertencimento ao lugar destes antigos moradores, assim como conhecer as implicações de seus discursos sobre a formação de identidade deste lugar (GUPTA E FERGUSON, 2000) e sobre a Memória Social do Fallet.

O corpus desta pesquisa é constituído por dois Grupos Focais⁴, distintos por gênero. Todos os entrevistados são descendentes dos primeiros moradores do lugar e foram realizados em 28 e 30 de dezembro de 2013.

Consideramos os conceitos de memória, discurso e identidades como sendo construções sociais e dinâmicos (MOITA LOPES, 2001) e, portanto, recriados na interação. Concebe-se igualmente que, através da narração de histórias, indivíduos e grupos constroem identidades e desenvolvem o senso de pertencimento.

Acreditamos que a partilha das memórias e experiências dos idosos de uma comunidade, sobretudo para os mais jovens, traz em si, a oportunidade de maior envolvimento intergeracional, comunitário e de ampliação do sentimento de pertencimento ao grupo e ao lugar.

Fallet: que lugar é este?

O Fallet está localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro. Pode-se adentrar nessa favela pelos bairros do Rio Comprido ou por Santa Teresa. A região do *Fallet/Amavale* (Associação de Moradores e Amigos do Vale) pertence à Área de Planejamento I, Região Administrativa XXIII, Santa Teresa, segundo dados divulgados pelo Instituto Pereira Passos, com base no Censo Demográfico de 2010, realizado pelo IBGE. O morro do Fallet possui cerca de 4.500 habitantes, e na região do Fallet *Amavale* há cerca de 490 moradores.

Segundo o discurso de um grupo de idosos, filhos e netos dos primeiros habitantes da região, o lugar onde eles habitam era um bairro, e não uma favela. De acordo com suas narrativas, a alteração nesta conceituação do Fallet, de bairro para

⁴ Os grupos focais são grupos de discussão, normalmente utilizados para coleta de dados em pesquisa qualitativa, em que os participantes debatem sobre um tema específico. Estes ocorreram no Instituto Petra / Nando é Vida, situado ao lado da Associação de Moradores e Amigos do Vale (Amavale), sendo distintos por gênero e com distância de dois dias entre os grupos masculino (cinco participantes) e feminino (quatro). As entrevistas seguiram um roteiro pré-definido de perguntas abertas.

favela, deve-se às mudanças que foram ocorrendo ao longo dos anos no desenvolvimento socioeconômico e cultural desta área, sobretudo em virtude do processo de favelização, nos anos 1960-70, da dominação territorial pelo narcotráfico, no final dos anos 1970-80 e instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)⁵, em 25 de fevereiro de 2011.

Esses antigos moradores ressaltam que a área onde eles habitam era um loteamento datado de 1922, que foi se constituindo como um bairro *glamouroso*. Este, inicialmente, abrigava imigrantes ingleses, italianos, portugueses e alemães, que se distribuíram espacialmente em partes distintas do local e construíram suas próprias casas com blocos de pedras que eles mesmos cortavam.

O processo de favelização foi se dando com a chegada de moradores menos abastados em outras partes do morro, e com a entrada do tráfico de drogas, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, quando teve início a desvalorização da região no mercado imobiliário.

Na Rua Fallet, instalou-se um clube fechado, fundado por um grupo seleto de moradores, que se constituíram em 30 sócios-proprietários – o *Clube dos Trinta*. O clube, denominado *Associação Atlético Fallet*, situava-se onde hoje está instalada a Associação de Moradores e Amigos do Vale, a *Amavale*. Neste local, eles revelam, ocorriam bailes de gala e os moradores trajavam roupas luxuosas. O clube recebia grupos de Bossa Nova e outros famosos na época, como o *The Fevers*.

O bairro, segundo seus relatos, destacava-se também nos esportes e cultura: tinham um time de futebol, um time de basquete campeão, “o melhor grupo de teatro amador do Rio de Janeiro” (*sic*) e dois blocos carnavalescos. Um deles desfilava na Avenida Rio Branco e se consagrou em muitos carnavais. Além disso, uma fábrica de biscoitos e uma de calçados empregaram muitos moradores.

Notamos uma forte motivação destes moradores de restituir a identidade deste lugar como um bairro. Dentre os seus principais argumentos, estão a alegação de que possuem título de propriedade de suas casas e pagam IPTU. Suas casas, com amplos quintais, onde criavam cabras, contrastavam com os barracões de zinco situados em uma região do Fallet, denominada Beco ou Fallet Ocidental. Mas, qual o

⁵ A Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) é um projeto desenvolvido pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (SESEG) que visa à retomada do controle pelo Estado, de áreas dominadas por grupos armados.

fundamento dessas alegações acerca da posse e do pagamento de IPTU como prova de que esse lugar não é favela?

Favela: discursos e definições em mutação

Há, na literatura, certa controvérsia quanto à definição de favela. O *Observatório de Favelas*⁶ (2009) define como um território constituinte da cidade, que se caracteriza por forte estigmatização socioespacial, alta densidade de habitações e apropriação social do território para fins de moradia.

O *Plano Diretor da Cidade*, de 1992 (*apud* Cavallieri, 2009), define que Art. 147 - favela é a área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação da terra por população de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e de alinhamento irregular, lotes de forma e tamanho irregular e construções não licenciadas, em desconformidade com os padrões legais.

Já o *Manual de Delimitação dos Setores do Censo 2010* traz a classificação de favela como aglomerado subnormal aplicada a conjuntos de, no mínimo, 51 unidades habitacionais, dispostas de forma desordenada e densa, carentes de serviços públicos essenciais e que tenha ocupado ou esteja ocupando, terreno de propriedade alheia.

Baseados no Censo 2010 e em virtude das obras do Morar Carioca, Cavallieri e Vial (2012) apontam que a Prefeitura do Rio de Janeiro propôs mudanças na classificação das favelas segundo três critérios: sua relação com o espaço urbano, enquanto complexos ou favelas isoladas, o seu tamanho e o seu grau de urbanização. A partir dessas alterações, há uma subdivisão em dois grupos: aquelas que são consideradas favelas e as que passaram a ser denominadas "comunidades urbanizadas".

Os autores ressaltam que, de acordo com o IBGE, tais assentamentos são um fenômeno urbano, concentrado em 20 metrópoles, cuja maior proporção dos domicílios (88%) encontra-se na condição de AGSN (aglomerados subnormais). Por sua vez, Rio de Janeiro e São Paulo formam um subgrupo especial: o Rio possui cerca

⁶ Instituição dedicada à pesquisa e ação, com o intuito de contribuir para a proposição e avaliação de políticas públicas voltadas à superação de desigualdades sociais e produção de conhecimento sobre as favelas e fenômenos urbanos.

de 1,4 milhões de moradores em AGSN e 22% de seus habitantes nessa condição, seguido por São Paulo, com 1,3 milhões.

Para além das estatísticas, Gupta e Ferguson (2000) esclarecem que a experiência do espaço é socialmente construída, fruto da associação entre lugares e povos, e as noções de localidade ou comunidade se referem tanto a um espaço físico, quanto a agrupamentos de interação.

As favelas são tidas como os lugares que abrigam a pobreza urbana ou como espaços da segregação e da exclusão cujos moradores são representados como excluídos, marginalizados da sociedade moderna, sobretudo com a presença do narcotráfico (GOMES *et al*, 2006).

Butler (2006) destaca a relevância da denominação como fator constitutivo do sujeito e chama a atenção para o fato de que há certo discurso social referente aos moradores das favelas que, além de preconceituoso, enclausura-os numa categoria discriminatória e reducionista.

A esse respeito, Campos (2011) destaca a importância do sentimento dos moradores sobre o local onde habitam para a constituição da sua própria identidade e da identidade espacial.

Por sua vez, Cavallieri (2009) ressalta que a denominação "favela" contém tanto um sentido depreciativo, quanto afirmativo de identidade. Este é proposto por Maiolino (2008), ao apontar que as favelas são unidades territoriais de identidade e cultura.

Campos (2011) resgata o caráter afirmativo das favelas, ao relatar a origem da ocupação das encostas dos morros do centro do Rio de Janeiro, no momento das intervenções urbanísticas na cidade, entre 1902 e 1906, como a solução encontrada pela população mais pobre e profissionalmente não qualificada para que pudessem morar próximo aos locais onde havia oportunidades de trabalho. Assim, foi o local de acolhida dos negros alforriados e dos soldados retornados da Guerra de Canudos, e o porto de chegada dos migrantes oriundos das áreas rurais, a partir da década de 1950. E, como local de acolhida, provavelmente, foram estabelecidos fortes vínculos com o lugar, conforme Gupta e Ferguson (2000), onde também se estabeleceram fortes redes sociais.

Entre 1926/27, as favelas eram apontadas como problema estético, higiênico, de ordem social e de segurança. Foi por volta desse período que os imigrantes chegaram ao morro do Fallet e iniciaram o povoamento da região.

Já nos anos 1950, há um movimento de valorização do “morro”, em virtude de sua cultura própria e da sociabilidade característica de seus habitantes (CAMPOS, 2011; MAIOLINO, 2008).

Nos anos 1960, relata Maiolino (2008), inicia-se a fundação das associações de moradores; por sua vez, o governo estadual iniciou o processo de remoções e realocação em áreas afastadas do centro da cidade, o que causou a dissolução das redes constituídas de sociabilidade e de solidariedade, repercutindo na vida psíquica e afetiva dos indivíduos, devido ao rompimento das redes de pertencimento. A esse respeito, Bosi (1992) esclarece que o enraizamento é a necessidade mais prioritária da alma humana.

Nos anos 1980, o poder público assume responsabilidade pela infraestrutura nessas áreas com irregularidades fundiárias e ocupadas por população de baixa renda, através de programas específicos voltados às favelas, envolvendo as esferas municipais, estaduais e federais, conforme apontam Cardoso (2002, *apud* Maiolino, 2008); Gomes *et al* (2006).

Ainda nos anos 1980, tem-se o aumento expressivo da população favelada, destacando-se a forte presença do jogo do bicho, na primeira metade da década, e, na segunda metade, a ocupação dos morros pelo narcotráfico. Intensificaram-se as representações em torno da periculosidade das classes pobres e a mídia passou a veicular o discurso sobre a ‘violência urbana’ (MAIOLINO, 2008).

Ao situarmos historicamente a origem e a evolução das favelas no Rio de Janeiro, observa-se o discurso veiculado sobre as mesmas ao longo do tempo, que ora as enaltecia, ora as denegria, assim como a seus moradores, tidos como criativos, solidários ou como vagabundos, marginais. Butler (2004) evidencia que, ao sermos chamados por um nome insultante, somos menosprezados e degradados, pois os discursos criam a realidade e são tomados como tal.

Por sua vez, os antigos moradores do Fallet alegam que o fato – de se considerar a totalidade da região como favela – trouxe como consequência a desvalorização de seus imóveis. Consequentemente, muitos se mudaram para outras

localidades, desfazendo-se a rede social. O *Clube dos Trinta* foi fechado. Iniciou-se a decadência da região, que passou a ser veiculada midiaticamente como uma favela perigosa, dominada pelo narcotráfico, em constante guerra com uma facção rival em morros vizinhos.

O Fallet aos olhos da mídia

Presença constante no noticiário policial

A partir das narrativas de moradores do Fallet em grupos focais, identificamos um forte desejo de preservar e difundir a história e as memórias locais, em conformidade com o conceito de Lugares de Memória, de Pierre Nora (1993)⁷, e de reconhecimento, valorização e respeito, a fim de desconstruir o preconceito e a discriminação com que as favelas e seus moradores foram vistos desde o seu surgimento, no final do século XIX.

Os entrevistados contestaram as notícias sobre crimes e atos violentos atribuídos ao Fallet, alegando que, muitas vezes, estes ocorrem em outras favelas, mas a responsabilidade sobre os mesmos sempre é erroneamente imputada ao Fallet.

Os moradores idosos revelaram que a denominação *Morro do Fallet* surgiu com a entrada do tráfico armado, esclarecendo que, antes disso ocorrer, a atividade já existia, mas tratava-se apenas da venda de maconha para os usuários. A região foi invadida por traficantes do Complexo do São Carlos, elevando, na ocasião, o número de furtos, assaltos e estupros na região. A partir dessa situação caótica, segundo seus relatos, "aqueles daqui que tinham tendência para a bandidagem se uniram e destituíram os bandidos de lá. Na ocasião, eles foram os nossos heróis, mas depois eles tomaram o gostinho pela coisa e ficaram na atividade...".

De fato, uma rápida busca no Google apresenta páginas e páginas de notícias sobre confrontos de traficantes com a polícia e entre facções criminosas, atribuídos ao Fallet, nos jornais de grande circulação, não somente do Rio de Janeiro, a exemplo

⁷ O conceito de *lugares de memória* refere-se aos locais que contêm a memória de uma sociedade; pertencentes a outro tempo, são aquilo que resta e que se perpetua. Podem ser *materiais* (onde a memória social pode ser apreendida pelos sentidos) e *imateriais*; estes podem ser *funcionais* (onde se alicerçam as memórias coletivas) e *simbólicos* (onde a memória coletiva se expressa e se revela). São locais nos quais os atores sociais se reconhecem e desenvolvem um sentimento de identidade e de pertencimento.

de notícia publicada no *Estado de São Paulo online*, em 13/09/2011, a respeito do policial militar baleado por traficantes do Morro do Fallet, que ficou tetraplégico. A nota traz ainda, o arsenal de drogas apreendido em operação realizada no local⁸.

Em 21/01/13, o jornal *O Dia* noticia o incremento do efetivo de policiais lotados na UPP Fallet-Fogueteiro/Coroa, pela dificuldade que a polícia vem encontrando para controlar o tráfico de drogas no Morro do Fallet.⁹ O vídeo postado em 14/01/14 no *Youtube* mostra intenso tiroteio no Fallet-Fogueteiro, entre policiais e bandidos¹⁰.

Por outro lado, é preciso certo esmero para localizar no Google, notícias positivas sobre a região. Segundo a percepção dos próprios moradores, o Fallet era um lugar esquecido pelo poder público, praticamente invisível e as crianças tinham vergonha de dizer na escola que moravam lá.

Mas, atualmente, eles vêm se sentindo gradativamente contemplados por ações governamentais¹¹, por investimentos do Terceiro Setor, por ações do Grupo "S" (SENAC, SESI, SENAI)¹², do SEBRAE¹³ e pela mídia. Vários projetos sociais¹⁴, esportivos¹⁵, artístico-culturais¹⁶ vêm sendo realizados, principalmente voltados para o público infantil.

Experiência de espaço e senso de pertencimento

Um dos aspectos mais enfatizados pelos participantes dos grupos focais foi o relacionamento de cada um deles com o *lugar*. A grande maioria disse que não pretende se mudar; outros disseram que só sairão de lá no momento de se mudar para o cemitério...

⁸ TRINDADE, Priscila. PM atingido em tiroteio no Rio está tetraplégico, informa secretaria. Agente participou de uma troca de tiros com traficantes no Morro do Fallet, centro do RJ. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 set. 2011. Disponível em: < <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pm-atingido-em-tiroteio-no-rio-esta-tetraplegico-informa-secretaria,772092#>>. Acesso em: 10 jan, 2014.

⁹ <http://odia.ig.com.br/portal/rio/upp-do-morro-do-fallet-contar%C3%A1-com-mais-100-policiais-1.538214>

¹⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=IQCos8Hkx4E>

¹¹ http://www.sinfazerj.org.br/noticias/show_news.php?subaction=showfull&id=1375701205&archive=&start_from=&ucat=&

¹² <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1617400>

¹³ http://sebrae2014.sebrae.com.br/Sebrae/Sebrae%202014/Boletins/1rio_de_janeiro_boletim_2014_julho.pdf

¹⁴ <http://www.riomaisocial.org/acoes-2/parcerias/>

¹⁵ <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1021238>

¹⁶

http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=34390&sid=87&from_info_index=91

1

Gomes *et al*, (2006) chamam a atenção para o fato de que as favelas, enquanto espaços heterogêneos, devem ser conceituadas como territórios da cidade, que guardam um sentido de *lugar*, e que são construídos nas relações sociais, materiais e simbólicas, estabelecidas entre e pelos indivíduos e grupos sociais.

Ao iniciarmos o Grupo Focal masculino, as entrevistadoras¹⁷ se apresentaram e pediram que cada participante também se apresentasse. E este é justamente o primeiro aspecto que gostaria de salientar: nas narrativas de cada um deles, há uma breve apresentação pessoal, onde enunciam seus nomes e, à exceção de Cacá¹⁸, o caçula do grupo, todos eles, em seguida, referiram ter nascido e se criado no Fallet.

A primeira informação que eles elegeram transmitir revela uma forte ligação ao lugar, o que me remete a uma associação entre os seus nomes (que representa o modo como nos conhecemos e, portanto, nos identificamos e nos fazemos conhecer pelos outros, assim como os conhecemos) e o lugar. Tal associação sugere que eles estão se construindo discursivamente como pertencentes a este lugar e parece haver uma estreita ligação entre suas configurações identitárias e sua experiência do lugar. O significado, por eles atribuído a este lugar onde nasceram e aonde vêm passando por todas as etapas do ciclo vital (no Fallet viveram sua infância, juventude, namoraram, casaram-se, tiveram filhos e netos), estaria simbólica e implicitamente associado aos seus nomes, tal como às pessoas que *incorporam*, por assim dizer, o nome do seu lugar de origem e/ou onde vivem ao seu prenome, como se fosse seu sobrenome, e passam a ser conhecidas desta maneira, a exemplo de “Martinho da Vila”, “Dominguinhos do Estácio”, etc. Seria como se eles estivessem se construindo, ao se apresentarem como “Joaquim do Fallet”, “Walter do Fallet”, “Helinho do Fallet”, “Joel do Fallet”.

Eis as narrativas de suas autoapresentações:

“Sou Joel dos Santos. Nascido aqui também. E... não nasci nem no hospital, nasci em casa, ali num barraco, nasci aqui no alto, quer dizer, eu sou da raiz mesmo. E... gosto muito daqui”.

“Joaquim da Fonseca. Nasci e fui criado aqui no Fallet. Nasci aqui no dia doze de maio de mil novecentos e vinte e sete”.

¹⁷ O grupo focal masculino teve duas entrevistadoras: a primeira autora deste artigo e sua co-orientadora no PPGMS, a professora Diana Souza Pinto. Já o grupo feminino foi entrevistado apenas pela primeira autora.

¹⁸ Por questões éticas, todos os entrevistados são identificados por pseudônimos.

“Eu sou o Coelho. Eu até brinco porque o meu nome é Coelho. E o meu apelido é Walter Costa. Porque desde a idade de sete anos me botaram esse apelido. Eu sou nascido e criado aqui na comunidade...”.

Quando cada participante do grupo focal masculino se apresenta dizendo o seu nome e sobrenome, e complementa esta informação dizendo que nasceu e sempre viveu no Fallet, pode-se inferir que ele está, neste momento, no seu discurso, construindo sua experiência de ser quem é. Do mesmo modo, está reafirmando as suas matrizes familiares, a sua história e de seus ancestrais como raízes deste solo comum chamado Fallet.

Moita Lopes (2001) esclarece que pela organização do nosso discurso, através das narrativas, construímos o conhecimento sobre quem somos na vida social. Este processo é constantemente atualizado e co-construído, nos discursos, nas configurações identitárias a que estamos vinculados.

Esta pesquisa, partimos do pressuposto de que as identidades são construídas e negociadas nas narrativas, além de constantemente atualizadas na interação. Concebemos as configurações identitárias como um processo dinâmico em torno do qual o indivíduo se referencia, constrói a si e o seu mundo.

O psicólogo social Antônio Ciampa (1984) esclarece que o sujeito se constitui historicamente nas relações sociais e, nesse processo, a memória remete ao tempo vivido cujo conjunto de experiências compõe um campo de sentidos para a construção de sua identidade.

Pollak (1989) denota as narrativas contidas nas histórias de vida como instrumentos de construção da identidade, a qual, por sua vez, é por ele considerada um fenômeno que se produz em referência aos outros, onde há fronteiras de pertencimento ao grupo.

Coelho e Joel referem explicitamente sua dedicação à comunidade: Coelho, desde menino; Joel diz que faz o que estiver ao seu alcance, colabora, a fim de obterem melhorias para o lugar. Cacá sintetiza que “está aí pra toda a vida”. Juca e Helinho declaram que permanecem no mesmo lugar desde que nasceram.

Sociabilidade gerencial do lugar

“A nossa história aqui começa com os nossos avós. Eles compraram o terreno. Aí nossos pais foram criados juntos. Hoje, eu que sou neto... estamos sendo criados todos juntos. Então, nós nos conhecemos desde garotos...”

Através desta elocução, Helinho refere que não somente a sua história, mas a de todo o grupo, começa com os avós deles todos, que compraram os terrenos na mesma época, no início do século XX. Ele põe em cena um passado que é comum ao grupo, e, na medida em que vai tecendo sua narrativa, vai convidando os demais a reavivarem suas lembranças, a participarem e a se identificarem com sua experiência.

Helinho tece sua narrativa utilizando o pronome possessivo da primeira pessoa do plural, evidenciando, deste modo, a experiência coletiva e geracional, em que as histórias, o terreno, a vida, as amizades pertencem e situam-se na linha da família: seus avós, seus pais, assim como os amigos, participantes do grupo focal.

Além disso, ele vai narrando a história do lugar, de suas famílias, apoiado em suas memórias que, por sua vez, são retroalimentadas pelas memórias relatadas pelos amigos, evidenciando a sociabilidade, o sentimento de pertença, enraizamento e memórias inerentes ao lugar da experiência.

A experiência do espaço, conforme Gupta e Ferguson (2000) é, do mesmo modo que os discursos, as memórias e as configurações identitárias, socialmente construída. Os autores revelam o processo pelo qual um espaço adquire uma identidade distintiva como lugar, o que se dá a partir de uma distribuição espacial de relações de poder hierárquicas. Assim, as noções de localidade ou comunidade referem-se tanto a um espaço físico demarcado (Fallet *Amavale*), quanto a agrupamentos de interação (as relações que estes senhores mantêm desde a infância, perpetuando as relações entre seus pais e avós e a significação que todos atribuem ao lugar). Segundo os autores (*op. cit.*, p. 34), a “identidade de um lugar surge da interseção entre seu envolvimento específico em um sistema de espaços hierarquicamente organizados e sua construção cultural como comunidade ou localidade”.

Nas narrativas abaixo, observa-se que os moradores do Fallet vão amalgamando coletivamente, retroalimentando o sentimento de pertencimento ao lugar, ao grupo e a todo um conjunto de valores que os mantêm unidos.

Tais segmentos revelam uma projeção discursiva sugestiva do privilégio e da satisfação destes entrevistados em viver neste lugar. Os pontos positivos do lugar vão sendo construídos discursivamente na relação entre os participantes de ambos os grupos focais, como se pode observar nas projeções discursivas de Juca, Coelho e Joel, ao referirem-se à importância de serem moradores do Fallet. Os sentimentos de identificação e de pertencimento que eles expressam são comuns a todos os participantes da pesquisa e estão presentes nas narrativas de todos eles.

Nas elocuições abaixo, observa-se a importância do lugar no discurso dos participantes, projetado discursivamente através da interação, construído como uma "dádiva de Deus", "uma benção", o "seu mundo".

JUCA: "Morar aqui é uma dádiva de Deus [...]. Porque eu nasci, moro aqui, não pretendo, nunca pretendi sair daqui. O único dia que eu vou ter que sair daqui é quando eu for pro cemitério".

COELHO: "Obrigado meu Deus, porque o senhor me deu essa oportunidade de morar aqui no Fallet e ter todas essas pessoas como vizinhos e amigos. Então, aqui é o meu mundo, aqui estão minhas raízes, aqui estou criando a minha família, daqui não saio, daqui ninguém me tira".

JOEL: "daqui também eu não saio nunca, eu tenho os meus amigos todos, todo mundo me conhece e isso é uma grande vantagem [...] eu não pretendo sair daqui, só quando morrer, né?".

LÉIA: "O que tem de melhor é a comunidade. Os moradores..."

LEONORA: "Eu também gosto daqui! Se jogar na loto, não vou sair daqui!"

Assim, o discurso dos moradores de ambos os grupos focais, a maneira como narram suas experiências, sugere haver uma relação de afetividade e pertencimento em relação à localidade onde vivem. Eles demonstram sentir-se fortemente identificados com o lugar e consideram-no como *o seu mundo*, onde estão suas raízes, sua família, mantendo com ele uma relação de afeto e memória. E o modo como contamos nossas histórias do passado revelam a nossa percepção de quem somos no presente.

Por meio da memória, esses antigos moradores reafirmam a ideia de pertencimento ao lugar. As memórias trazem uma dimensão afetiva pela qual são tecidas as relações entre os membros do grupo, as quais são permeadas pelas lembranças do passado e realimentadas pelo sentimento de pertencimento.

Gupta e Ferguson (2000) destacam que há uma associação entre lugar e memória e sinalizam que os conflitos e contradições entre culturas e sociedade estão baseados numa divisão do espaço e na premissa de descontinuidade.

Entre a cruz e a caldeirinha: a convivência com o tráfico e com a UPP

Dentre todas as narrativas, uma nos tocou mais profundamente: quando Coelho narra a situação que se estabelecera no Fallet antes da chegada da UPP. É comovente testemunhar o relato de um homem que desde menino tomou para si a tarefa de cuidar de sua comunidade, e que, ao longo de muitos e muitos anos, encarregou-se de fazer os enterros de todos os seus vizinhos, assassinados por traficantes de uma facção inimiga, ao chegar ou sair do Fallet, ou vitimados em tiroteios. Coelho, emocionado, disse que fazia de quatro a seis enterros por semana, em sua maioria de jovens que viu nascer e crescer. Ele ainda explicita que os tiroteios entre traficantes rivais aconteciam em três ou quatro sessões diárias; Helinho complementa, dizendo que ocorriam até aos domingos e Cacá disse que o tiroteio algumas vezes era “agendado”, com hora marcada para começar...

E embora Coelho e Joel elejam a chegada da UPP como a melhor coisa ocorrida no Fallet, em virtude do fim dos tiroteios, a permanência da Polícia Militar nas favelas pacificadas, em geral, assim como no Fallet, tem gerado muitos conflitos com os moradores, sobretudo com os jovens. Mas, não só. Helinho diz que tem havido “uma rejeição muito grande contra os PMs aqui”. Segundo ele, o morador não entende muito bem o que o PM veio trazer. O morador “tem medo até de falar, de os meninos da firma verem ele cumprimentando e coisa...”. Ou seja, parece que Helinho está se referindo ao medo de represália por parte dos traficantes, sentido pelos moradores, ao estabelecer qualquer tipo de contato com os policiais, inclusive um simples “bom dia”. Por sua vez, o Comitê de Direitos Humanos (ALERJ/UERJ), assim como as equipes de gestão social municipais (UPP Social) e estadual (Programa Territórios da Paz), receberam várias denúncias de agressões gratuitas de policiais contra os moradores.

Néia relata que seu irmão levou “um tapa dos policiais, só porque lhes deu um bom dia”. Acompanhado pelo marido de Néia até o container da UPP, para tirar satisfação, acabou sendo chamado, tempos depois, para “depor por desacato”.

Lara pontua como uma das piores coisas de se viver no Fallet, atualmente, é a “brutalidade” do policial. Ela relata que, certo dia em que não estava em casa, eles abriram um buraco na parede do quarto da sua filha e adentraram nele por esta abertura, levando o documento de identidade do seu marido. Ao amanhecer do dia seguinte, Lara e seu marido foram até a base da UPP, cobrar satisfações do comandante, e este lhes disse que havia dado ordens a sua tropa para ter essa conduta, a fim de verificar se o marido de Lara é traficante... Lara diz “todo mundo sabe que, no lugar onde tem UPP, o tráfico não acabou. O que acabou foi a exposição de armas”.

Coelho acredita que esse seja um modo de intimidar os moradores para que estes revelem o paradeiro do “dono da boca”. Segundo ele:

COELHO: “Em relação a essa questão que vocês colocaram aí, da comunidade aceitar a UPP. Então, por que... O que acontece? O tráfico... Ele sempre respeitou a comunidade. E então, o que acabou acontecendo? A comunidade... Protege o tráfico.”

Essa questão é tão polêmica que suscitou um debate entre Coelho (que se coloca a favor da PM, provavelmente em razão de finalmente ter podido “parar de chorar” por enterrar tantos vizinhos, e, por isso, deseja a permanência da UPP na região) e Cacá (que se coloca a favor dos moradores, provavelmente em razão do seu cargo de presidente da Associação de Moradores, e certamente em razão de sua postura política). Coelho diz que tem morador que é atrevido, que pede para apanhar. Cacá afirma que “sua atitude é reflexo dos moradores: eu não tenho aqui, na via principal aqui, eu não tenho reclamação da polícia, mas dentro dos becos e vielas, polícia dá porrada na cara do morador, faz isso, faz aquilo. E também tem o morador que é atrevido”.

COELHO: Veja bem, é aquilo que eu já falei. Tem aquele morador, que ele é beneficiado pelo... Pela firma. Então, pra ele, pra ele qualquer movimento que o policial faz, pra ele já é negativo e aí cria os conflitos...

CACÁ: Ô Coelho, mas se tem esse morador... [a polícia] ele tem esse mecanismo pra prende esse morador por associação com o tráfico, ele tem mecanismos pra isso.

COELHO: É ... Mas o morador agride Cacá, o morador agride...

CACÁ: Ele pode achar que se você... é...é... Protege o tráfico, ele deve achar que eu e você tem que tomar tapa na cara, tem que ser insultado...

COELHO: Mas porque agride o policial, Cacá... o morador agride o policial, o morador não respeita o policial...

Na interação acima, testemunha-se diferentes posicionamentos e opiniões quanto à UPP. Os moradores mais idosos afirmam que as coisas de fato melhoraram muito após a pacificação, e que muitos moradores, os quais haviam deixado a comunidade em razão do incremento da violência armada, estão voltando a habitar no Fallet. Os proprietários de imóveis (como é o caso dos entrevistados idosos) têm se beneficiado com essa valorização do local. Por outro lado, eles apontam que a favelização acirrou-se em virtude do aumento da segurança e que muitas áreas foram rapidamente ocupadas, elevando a taxa populacional.

De fato, a questão das UPP tem suscitado polêmicas, não apenas nos lugares onde elas estão instaladas, mas em muitas rodas de discussão de debates entre cientistas sociais e políticos, pesquisadores, acadêmicos, estudantes, gestores públicos, ativistas sociais, moradores da cidade do Rio de Janeiro e demais interessados nas questões que envolvem segurança e violência.

O Programa de Pacificação, segundo as perspectivas dos sujeitos entrevistados, da mídia e da literatura, possui forte ênfase no controle repressivo sobre os moradores dessas regiões, sobretudo para com os jovens, impactando sua circulação e sociabilidade em seus locais de moradia e na maneira como experenciam e se relacionam com a cidade, mantendo-se à margem da mesma e do Estado (LEITE; SILVA, 2013).

A complexidade da questão requer que nos debrucemos sobre ela cautelosa e longamente, pois há muitos, inúmeros fatores envolvidos, conflitos de interesses. Uma das críticas mais contundentes às UPPs se refere a que elas não são uma política de segurança pública, e sim um projeto de cidade, setorizado, que atende aos interesses – novamente – de uma classe dominante.

Considerações finais

Ao entrarmos em contato com as lembranças, as experiências, o sentimento em relação ao lugar onde nasceram e viveram toda a sua vida, e as identidades de

um grupo de moradores de uma região, outrora próspera e que vem sendo considerada uma perigosa e violenta favela, podemos constatar que a memória produz sentidos orientadores das escolhas do presente e das expectativas do futuro.

Bosi (2003) revela a complexidade da relação entre a memória e o tempo, pois, ao trazer o passado à tona, a memória afeta tanto a percepção do presente, quanto a construção do projeto de futuro.

Pudemos comprovar que, por meio da narrativa, o sujeito dá voz ao passado, revivendo os fatos vividos, assim como os sentimentos a eles associados. Portanto, ao relembrarmos, somos novamente afetados por elas.

Nessa complexa atividade da memória, o autor da narrativa coincide existencialmente com o seu sujeito. Esse aspecto é fundamental para compreendermos a função da memória na constituição da identidade. Ao falar sobre seu passado, o sujeito não apenas o lembra, mas também reflete sobre fatos, pessoas, momentos cruciais de sua existência, apropriando-se significativamente da sua história e ressignificando a si mesmo em função dela. Com isso, a narrativa se constrói como uma totalidade plena de sentidos, os quais contribuem para a constituição da identidade do narrador, com base no seu reconhecimento como autor e ator da história relatada.

Do mesmo modo, importa saber que as favelas cariocas são regiões políticas, sociais, econômicas e culturais marcadas por suas histórias e memórias. E, uma vez que as identidades sociais se formam a partir das experiências vividas e das lembranças de tais experiências, trazer o passado à tona implica em ressignificá-lo, ampliando o conhecimento e a compreensão que se tem do mesmo, o que proporciona uma oportunidade de escolha em relação ao que se está construindo e ao que se *deseja* construir.

Assim, contar suas lembranças e experiências contribui tanto para o fortalecimento de suas identidades, quanto para a ressignificação do seu *habitat*, de modo a propiciar a sua inserção social enquanto habitantes da cidade do Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

BOSI, E. (1992), **Cultura e desenraizamento**. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática.

BUTLER, J. **Vida Precária**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. **Language, poder e identidade**. Madrid: Síntesis, 2004.

CAMPOS, A. **Do Quilombo à Favela: a produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CAVALLIERI, F. (2009). **Favelas no Rio: a importância da informação para as políticas públicas**. In: Seminário *O que é favela afinal?* Observatório das Favelas. Rio de Janeiro.

_____. F.; Vial, A. *Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010*. Armazém dos dados. Maio, 2012. Nº 20120501, (Online), **Coleção Estudos Cariocas**. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP) / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Secretaria Extraordinária de Desenvolvimento. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/3190_FavelasnacidadedoRioDeJaneiro_Censo_2010.PDF>.

CIAMPA, A.C. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**, São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 58-75.

GOMES, M. F. C. M. *et al.* **Desigualdade e exclusão nas metrópoles brasileiras: alternativas para seu enfrentamento nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2006.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. Mais além da Cultura: espaço, identidade e Política da Diferença. In: ARANTES, Antonio (Org.). **O Espaço da Diferença**. São Paulo: Papyrus, 2000. Cap. 2, pp. 30-49.

LEITE, M. P.; SILVA, L. A. M. Circulação e fronteiras no Rio de Janeiro: a experiência urbana de jovens moradores de favelas em contexto de “pacificação”. In: Vieira, N. C. (Org.); Feltran, G. S. (Org.). **Sobre Periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora/FAPERJ, 2013.

MAIOLINO, A. L. G. **Espaço Urbano: conflitos e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2008.

MOITA LOPES, L. P. Práticas Narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. P. 55-72.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo, **Projeto História** - Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. V. 10, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, p. 3 - 15.

Recebido em: 30/09/2014
Aprovado em: 04/12/2014